

humanitas

Vol. XLI-XLII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XLI-XLII



COIMBRA

MCMLXXXIX-MCMXC

e Paulo III; e os portugueses João Rodrigues de Sá de Meneses, Jerónimo Osório, Diogo Pires e André de Resende:

Neste livro tão completo e tão bem feito, uma questão que me parece continuar em aberto é a do teólogo medieval Gastão de Foix e da sua obra perdida, *De Deo et Animorum Immortalitate et Praemiis et Poena*, para a qual há apenas o testemunho de Diogo Pires.

Quanto ao Fontelo, a quinta e palácio episcopal que D. Miguel fez construir em Viseu, há uma descrição melhor que a do P. Baltasar Teles (citado na nota 243), com a vantagem de ser de um contemporâneo de D. Miguel da Silva. É o poema *Fontellum* de António de Cabedo que faleceu em 1555, quando D. Miguel ainda era vivo. Este poema latino foi traduzido e estudado numa dissertação de mestrado que orientei na Universidade de Coimbra (1).

A notoriedade de Amato Lusitano (ou João Rodrigues de Castelo Branco) não vem apenas do seu comentário a Dioscórides (cf. nota 290, p. 208). Acaba de ser publicado pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra um livro interessantíssimo do Prof. Mario Santoro, *Amato Lusitano ed Ancona*, que naturalmente S. Deswarte não podia ter conhecido, no qual é dada a medida científica e humana do nosso compatriota.

Nestas observações críticas, incluem-se numerosas, e hoje quase inevitáveis, «gralhas» no latim e a repetição duma linha (p. 218, l.1). Mas estes pequenos senões em nada deslustram este livro notável de Sylvie Deswarte, um dos investigadores estrangeiros que mais altos serviços vem prestando ao estudo da Cultura Portuguesa do século XVI.

A. COSTA RAMALHO

ANDRÉ DE RESENDE, *On Court Life*. Edited and translated by John R. C. MARTYN. Bern, Peter Lang, 1990, 228 p. + 1 gravura.

O Professor John Martyn, da Universidade de Melbourn, na Austrália, em sucessivas visitas a Portugal tem procurado manuscritos e descoberto poemas de André de Resende. Alguns não são tão ignorados como ele pensa, mas é inegável que a sua actividade veio dar novo impulso aos estudos resendianos. E o que é mais: escrevendo os seus trabalhos em inglês, tem possibilitado a André de Resende uma projecção internacional que o humanista não conseguiria, se estudado apenas na língua dos seus compatriotas.

(1) Cf. Aires Pereira do Couto, *SOUTELO. Subsídios para a sua história*. Câmara Municipal de Viseu, 1990. Da tese original, apenas se encontra neste livro a «adaptação de dois capítulos», segundo se lê no «Preâmbulo».

A tradução, desacompanhada do latim, vem nas pp. 43-50.

Os capítulos deste livro *Sobre a Vida da Corte*, descrita e comentada por André de Resende, têm os seguintes títulos que traduzo do inglês 1. A vida de Resende; 2. O *Genetliaco*; 3. Carta a Sperato Martim Ferreira; 4. Carta a Damião de Góis; 5. Carta a Pedro Sanches; 6. Comentário aos capítulos 2 a 5; 7. A vida da Corte, vista por Resende; Bibliografia; Apêndices; Índice.

John Martyn professa uma grande admiração por André de Resende: «Today he is highly respected in Portugal, especially in Évora, and it is long overdue for him to be recognized world-wide as a talented and important Classical scholar, Latin poet, archaeologist, theologian and humanist» (p. 51).

As traduções do latim de Resende, feitas pelo Prof. Martyn, são correctas, embora ocasionalmente se possa discordar de uma ou outra das suas interpretações, Eis por que o felicito por este seu livro. E todas as observações que adiante fizer destinam-se apenas a contribuir para uma melhoria do livro que eu gostaria de ver traduzido para português por alguém competente, isto é, alguém que saiba latim, inglês e português. Das três línguas, por paradoxal que pareça, a mais difícil ainda é a portuguesa.

Dirigem-se, portanto, a uma futura edição melhorada as observações que vou fazer:

— p. 9: «First, 6 new poems, totalling 241 lines, were printed and translated into Portuguese by José da Silva Terra, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vii, 1973, 431-469 (the third poem, to Julião de Alva and Rodrigo Sanches had already been printed by Cândido Aparício Pereira in *Humanitas*, vii-viii, 1955-56, pp. 215-219)».

Aquí, o Prof. Martyn esquece que publiquei e traduzi um desses poemas, a ode *Idus mense Numae, Lucia quo die*, em *Humanitas XXI-XXII*, 1969-1970, pp. 355-357.

Quando se trata de prioridades — e o Prof. Martyn não perde ocasião de proclamar as suas — é bom não esquecer as dos outros.

— P. 22: a propósito da oração de sapiência na Universidade de Lisboa, pronunciada em 1 de Outubro de 1534 por André de Resende, o Prof. Martyn acentua a honra conferida ao humanista, recém-chegado do estrangeiro, quando lhe foi confiada a *oratio* do ano lectivo de 1534/1535. A honra não é excepcional.

Ao contrário do que hoje acontece, era então costume encarregar um jovem com reputação de bom latino. Assim aconteceu com o conde de Alcoutim, D. Pedro de Meneses, em 18 de Outubro de 1504, cuja oração teve a ajuda de Cataldo Sículo. E mais tarde, na Universidade de Coimbra, a escolha de jovens volta a repetir-se. O conde de Alcoutim tinha dezassete anos de idade...

— Na p. 28, tratando de D. Duarte, duque de Guimarães, escreve o Autor: «Both his father, the Duke of Aveiro, and his mother, Juliana, had been tutored by Resende».

É confusão: o pai do jovem duque de Guimarães era o infante D. Duarte, e a mãe era D. Isabel, filha de D. Jaime, duque de Bragança.

— Na p. 31, n. 45: «Resende's friend, Diogo de Teive, wrote a prose work in Latin on the same Diu campaign (*Commentarius de rebus a Lusitanis in India apud Diu gestis*, Coimbra, 1548)...»

Trata-se de mais uma confusão: a *Epitome rerum gestarum in India a Lusitanis*, de Resende, ocupa-se de acontecimentos de 1530, ao passo que o livro de Teive trata do 2.º cerco Diu, em 1546.

— Nas pp. 33-34, o Autor aventura-se a discutir vocabulário do testamento de André Resende. Se o livro for traduzido para português, convém rever as considerações filológicas aí desenvolvidas sobre algumas palavras da nossa língua.

— Na p. 40, *Cardinalis et Principis D. Henrici a concionibus* parece-me pouco exactamente traduzido por «in charge of meetings for Cardinal Prince Henry». Com efeito, *a concionibus* (melhor, *a contionibus*) é simplesmente «pregador» do cardeal infante D. Henrique, funções que Resende desempenhou.

— Na p. 47, o poema de André de Resende em honra de D. Luís de Ataíde trata das suas vitórias na Índia e não em Angola.

— Na p. 48, aparece o humanista como autor do livro *De Verborum Coniugatione* que o Prof. Martyn considera um «important paedagogic work on Portuguese grammar». Ora a verdade é que, pelo facto de dar a tradução portuguesa de algumas formas verbais latinas, nem é uma gramática portuguesa nem uma «Portuguese-Latin grammar» (p. 192), mas simplesmente uma gramática latina.

— Na p. 48 n. 88, diz-se que em 1540 «his pupils included the Count of Alcoutim and the Marquis of Vila Real, with his sister Juliana...» O conde de Alcoutim só depois da morte de seu pai se tornou marquês de Vila Real. Ele e sua irmã são filhos do 3.º marquês, D. Pedro de Meneses, a quem me referi a respeito da p. 22.

— Na p. 102 no verso 833, a tradução inglesa de *et regum quattuor illuc] missi oratores* omite o numeral.

— Na p. 125, ao apresentar o *De Vita Aulica. Poetas ibi iacere* que Resende dedicou a Damião de Góis, o Prof. Martyn escreve que a sua tradução «is the first translation into any modern language».

Infelizmente, não é verdade. Com efeito, o poema de 159 hexâmetros dactílicos foi traduzido para francês por Odette Sauvage no seu livro *L'itinéraire Érasmien de André de Resende*, Paris, Centre Culturel Portugais, 1971. E eu próprio traduzi para português 40 versos na nota de investigação com o título de «Causíficos e Humanistas», *Humanitas XXXIII-XXXIV*, 1981-1982, pp. 232-234, reproduzindo mais tarde esse trecho e a sua tradução em *Latim Renascentista em Portugal*, Coimbra, C.E.C.H., 1985.

— Na p. 149, D. João III chamou, para ensinar no Colégio das Artes, humanistas «from France and Scotland». De facto, George Buchanan era escocês, mas veio com os outros de França.

— Na p. 174 n. 263, há uma confusão. Aquilo que o poeta romano Statius vendeu ao actor Páris foi a pantomima *Agave*, hoje desaparecida, e não o poema *Tebaida*.

— Na p. 182, seguindo Barbosa Machado, o Prof. Martyn faz Pedro Sanches natural de Lisboa. Mas Francisco d'Holanda, que o conhecia pessoalmente, escreveu na *Fabrica que falece ha Cidade de Lisboa* que Pedro era castelhano como, aliás, seu irmão Rodrigo.

O Prof. Martyn atribui-lhe «establishing a school in his home, which attracted the leading poets and orators of his day». Ora o que Barbosa Machado diz é que

ele abriu em sua casa uma «academia», isto é, uma tertúlia de amigos que é coisa muito diferente. Aliás, Pedro Sanches teve um alto posto na Corte: foi Secretário do Desembargo do Paço.

— Na p. 183, n. 79, a melhor explicação de *duum post funera regum* está no próprio latim e não na história de Portugal. Com efeito, não se trata de chamar «reis» aos irmãos de D. João III («two Kings or future Kings»), mas de observar que *rex* em latim significa também, na linguagem poética, «chefe, príncipe, protector». Aliás, a tradução dada por Martyn, «following the deaths of two Princes» é correcta. A nota é que deixa a desejar.

— Na p. 193, teria valido a pena acrescentar que o poema que Resende não chegou a escrever sobre o casamento de D. Isabel de Bragança com o infante D. Duarte, foi composto por Manuel da Costa, não apenas um grande mestre de Direito nas universidades de Coimbra e Salamanca, mas também um bom poeta latino.

As observações que ficam para trás, algumas entre mais que podiam ser feitas (há muitas «gralhas» em latim e inglês), não afectam o meu juízo de conjunto sobre este trabalho, digno de apreço, do Prof. John Martyn. E creio que os portugueses lhe devem estar gratos pelo seu interesse esclarecido pela vida e a obra de André de Resende.

A. COSTA RAMALHO

LOGOS. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. Lisboa, Editorial Verbo, Vol. I (A-D) 1989. 1512 colunas.

De uma enciclopédia de Filosofia, ainda que seja a primeira em língua portuguesa, não caberia, aparentemente, dar notícia nesta revista. Mas a verdade é que estamos perante uma obra onde, como não podia deixar de ser, a matriz greco-latina aparece a todo o momento — é raro o artigo sobre conceitos filosóficos que não principia pela sua análise nesse período — e onde, além disso, figuram em grande número os pensadores e escolas helénicas, desde os pré-socráticos aos últimos neoplatónicos, bem como os seus transmissores romanos.

Merece especial relevo o longo e bem estruturado artigo de Carlos Silva sobre *Aristóteles*, seguido de outro, do mesmo autor, sobre *Aristotelismo*, o qual é completado pelo *Aristotelismo em Portugal*, por F. Gama Caeiro (período medieval), A. Coxito (sécs. XVI-XVIII) e Braz Teixeira (sécs. XIX-XX). Esta relação dos grandes sistemas filosóficos com a sua repercussão no nosso País é, de resto, uma constante ao longo da obra, que permite que, nalguns casos, vá ganhando novos contornos a história da cultura portuguesa. Novamente por Carlos Silva, destaca-se também o tratamento dado a *Caverna, Alegoria da*.